

ECONOMIA - Brasil  
CONJUNTURA

## Indicadores contraditórios desafiam análises

**Fiesp e CNI apontam crescimento da indústria; IBGE revela que isso não existiu**

de **MÔNICA MAGNAVITA**

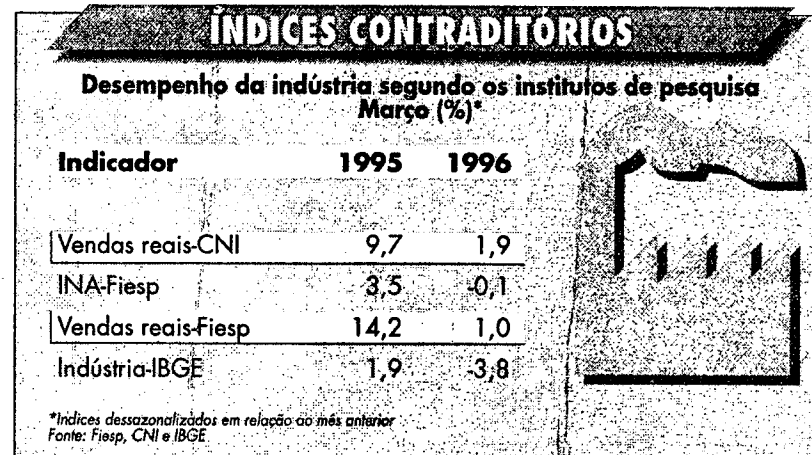
Os indicadores da atividade industrial não oferecem subsídios para uma boa avaliação da realidade. A discrepância entre os resultados obtidos por diversas instituições dificulta saber precisamente o que aconteceu com a produção e as receitas das indústrias nos últimos meses.

Pelas contas da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp) a atividade industrial cresceu 17% entre setembro de 1995 e fevereiro de 1996. De acordo com a Confederação Nacional da Indústria (CNI) a recuperação do setor foi de 10%. Os números do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), no entanto, mostram

que não houve crescimento no período.

Essas diferenças sugerem a piada que o ex-ministro Mario Henrique Simonsen costuma contar para explicar sua desconfiança em relação às estatísticas. Segundo Simonsen, se uma pessoa estiver com a cabeça dentro de um freezer e os pés em um forno, na média terá uma temperatura morna. Conclusão: as dificuldades pelas quais a indústria nacional está passando não são tão graves como o IBGE mostrou nos últimos meses, nem tão positivas como sugerem os números da Fiesp.

"O resultado da produção do ano será significativamente melhor que a taxa de crescimento do primeiro trimestre", diz Fábio Giambiagi, economista do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), autor do estudo. Ele tomou como base o índice dessazonalizado das três instituições. Ou seja, retirou dos indicadores as



oscilações de mercado próprias das diferentes épocas do ano que influenciam no resultado final. Dezembro, por exemplo, é um mês em que as vendas no comércio aumentam tradicionalmente. Em janeiro, as vendas caem, apesar do movimento de reposição dos estoques. Para compará-los com precisão é preciso eliminar os efeitos sazonais

de cada período.

Cálculos preliminares apontam para um crescimento da economia em 1996 inferior ao de 1995. Mas a questão, segundo o economista, é saber exatamente o tamanho da queda do índice de produção industrial. Para deixar mais claro esse descasamento entre os índices, Giambiagi fez a seguinte compara-

ção. Supôs que o nível do indicador mensal de fevereiro de produção industrial, calculado pelo IBGE, dessazonalizado, se mantenha estável durante o resto do ano. Nesse caso, os indicadores da CNI teriam um crescimento acumulado de 12% entre 1995 e 1996, o da Fiesp de 8% e o indicador do IBGE revelaria uma queda de 2% no mesmo período.

"A maior dificuldade é apurar com precisão o grau de aperto introduzido pela política monetária adotada há um ano", diz Giambiagi. Segundo ele, há três fatores - todos técnicos - que explicam essa incompatibilidade de índices. Primeiro, o maior peso conferido pelo IBGE a setores que estão passando por uma fase especialmente difícil. Por exemplo, o mecânico, com uma queda de pro-

dução de 14% no acumulado dos últimos 12 meses, muito mais acentuada do que a da indústria como um todo, entra com 6% de peso no índice da CNI. No índice do IBGE sua participação é de 9%.

O segundo fator que causa essa distorção, conforme Giambiagi, é o fato de o IBGE ter uma ponderação setorial que não capta, em toda sua dimensão, as transformações profundas sofridas pela economia brasileira nos últimos dez anos. Entre elas, a introdução de novos produtos aqueles ligados à informática ou os

diversos aparelhos eletroeletrônicos. Por fim, em terceiro lugar, o IBGE adota uma certa flexibilidade no tratamento dos fatores sazonais. Já para a CNI e Fiesp o cálculo desses efeitos são fixos.

**ECONOMIA**  
**DEVE CRESCER**  
**MENOS**  
**ESTE ANO**